

Não comemos dólar

No Brasil de hoje, de acordo com o senso comum, o fato de realizar uma boa gestão das contas públicas não transforma o Estado em um agente da prosperidade nacional.

Grande parte da população, sem ter uma noção mínima sobre a dinâmica macroeconômica, entende que o Estado deve assistir diretamente o cidadão por meio de auxílios e benefícios.

É justamente esse cenário político que faz com que os gastos públicos desordenados não reduzam vertiginosamente a popularidade de Lula.

A militância petista chegou a popularizar a frase: “pobre não come dólar” para tentar minimizar os efeitos da desvalorização da moeda nacional perante a moeda americana – e sobre a economia como um todo – o que, inevitavelmente, inclui um impacto econômico sobre os mais pobres.

A alta do dólar encarece o custo de vida no país, simplesmente, porque eleva os preços de produtos e serviços no mercado interno, especialmente aqueles que dependem de insumos ou são diretamente importados. Produtos como eletrônicos, medicamentos e até alimentos, cujas matérias-primas muitas vezes vêm do exterior, tornam-se mais caros, já que são adquiridos em dólar. Essa alta também impacta o preço dos combustíveis, pois o petróleo é cotado em dólar, o que encarece toda a cadeia de transporte e logística. Como no Brasil tudo é transportado por caminhão, basta somar “cá com lá” para entender que haverá aumento nos preços de praticamente todos os bens de consumo, incluindo os mais essenciais.

Além disso, o dólar mais caro contribui para o aumento da inflação, corroendo o poder de compra – e os mais pobres são os primeiros a sentir o impacto, certo? Isso significa que, mesmo sem redução nos salários ou benefícios, o cidadão comum precisa gastar mais para manter o mesmo padrão de vida. Itens essenciais como arroz, pão, gasolina e energia elétrica tornam-se significativamente mais caros, e o dinheiro passa a valer muito menos.

A desvalorização da moeda brasileira em relação ao dólar também prejudica a economia de maneira estrutural. O governo e empresas brasileiras com dívidas em dólar, as vêm crescer exponencialmente, exigindo mais recursos para quitá-las. Esse aumento no custo da dívida pode levar o governo a cortar gastos ou buscar novas formas de arrecadação – como já tem feito –, afetando diretamente os investimentos públicos em áreas como desenvolvimento e defesa.

- No Brasil, a população comum enxerga nos auxílios e ajudas de custo do governo o verdadeiro método de socorro estatal.
- O dólar – apesar da retórica canalha dos petistas – encarece significativamente nossa vida..
- A gestão Lula está impedindo o desenvolvimento da indústria, dos setores produtivos e da geração de postos de trabalho no Brasil.



Insumos importados mais caros, crédito mais escasso e a falta de investimento público criam um ambiente hostil à industrialização e à produção de bens. Não é à toa que estamos vivenciando um processo de desindustrialização e precarização dos postos de trabalho.

É claro que o pobre não come dólar, mas come o pão feito com farinha importada, cujo preço é influenciado pelo dólar.

É evidente que o pobre não come dólar, mas a alta dessa moeda pode estar impedindo a criação de uma empresa que ofereça o emprego que ele tanto procura.

Enfim, o pobre não come dólar, mas a alta do dólar afeta, e muito, a vida econômica de todos os brasileiros – menos daqueles mesmos de sempre, que lucram, e muito, com ela.

